



PITUM KEIL AMARAL

AH! AS BELAS INTENÇÕES

ASSIM PENSAVA UM JOVEM A MEIO DO SÉCULO XX



Ficha técnica:

Título: AH! AS BELAS INTENÇÕES!

ASSIM PENSAVA UM JOVEM A MEIO DO SÉCULO XX

Autor: Pitum Keil Amaral

Capa: Maria Keil

Ilustrações: Pitum

Design e paginação: Editora Alma Letra

1ª edição, Viseu, maio 2025

Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-23-3

Depósito legal:

ÍNDICE

Prefácio	7
Tempo	11
Pequeno Autorretrato em Passeio	15
Homenagem a um Poeta	17
O Parapluie	25
Quem Anda pelas Ruas	27
A História do Ceguinho	31
Divagação	39
O Ladrão	41
Um Jovem Sofredor	47
O Senhor Subsecretário do Tesouro	53
O Requerente	55
A Velha do Largo de D. Estefânia	59
Joãozinho	61
Cenas de Rua /Apontamentos	63
Conversa	67
No Vale Escuro	69
Siderurgia Nacional	75
Uma Vida	77
Horrores da Guerra	85

Amor de Mãe	91
Acidente	93
Transportes Públicos	95
Pai, Mãe e Filho	99
Em Família	105
Uma história vulgar (sugestão para um filme)	109
Novela Policial	121
A Menina Rosa	127
A Casa Fria	129
O Prédio	135
Um Namoro	145

PREFÁCIO

Tive a sorte de nascer numa família com tradições culturais e de crescer num ambiente ligado às artes. É inegável que isso influencia, estimula e desafia. Estar em contacto com a pintura, a arquitetura, a escultura e a música, ter acesso a uma boa biblioteca e conhecer pessoas interessantes do meio intelectual — tudo isso marca profundamente.

Entre os amigos dos meus pais contavam-se pintores, escultores, arquitetos, músicos e escritores, com quem mantinham relações estreitas. Era frequente encontrarem-se e conviverem, por exemplo, nas férias de verão, perto de Lisboa, ou na casa da nossa família, na Beira Alta.

Nessas ocasiões, estive muito perto de pessoas ilustres, como José Rodrigues Miguéis, Bento de Jesus Caraça, Fernando Lopes-Graca, Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, João José Cochofel, José Fernandes Fafe, Carlos de Oliveira e Manuel Mendes.

Embora de uma geração mais velha, o próprio Aquilino Ribeiro visitava-nos na Beira, acompanhado pelo pintor Abel Manta.

Mais familiarmente, convivi ainda com as escritoras Ilse Losa e Irene Lisboa. Esta última, que eu admirava muito, chegou a levar-me a passar alguns dias na casinha rústica onde escreveu as suas Crónicas da Serra, em Aldeias, perto de Gouveia, na Serra da Estrela.

A verdade é que o seu exemplo me influenciou tanto que, um dia, comprei um caderninho e me pus a escrevinhar as minhas primeiras ousadias literárias. Ao ver a fúria com que me dedicava àquela

tarefa - como se fosse uma obrigação, com horário a cumprir e tudo -, Irene Lisboa ria com gosto! Mas, podem crer, é importante sentir-se um intelectual em potência aos 17 ou 18 anos!

Num papelinho dessa época, que encontrei, tinha feito uma lista dos temas que me parecia mais importante abordar. E eram eles: **o Pensamento, a Namorada, a Amizade, a Discussão, a Vida Associativa, a Juventude, a Teoria, Alegria, a Dor.**

É engraçado ler isto agora... Não fazia a coisa por menos!

Meteu-se-me então na cabeça produzir 154 “exercícios de estilo”. Por exercícios de estilo entendia exatamente isso: pequenos escritos cuja finalidade não era outra senão abanar a mente — certamente alheada dos grandes problemas — e afinar a mão perra.

Porquê 154? Não sei. Mas enfiou-se-me esse número na cabeça, e não me largou mais. Ele há cada uma!

A minha ideia era acompanhar os textos com ilustrações, porque, nessa época, também comecei a desenhar com algumas pretensões. Matava assim dois coelhos. (Entre os 18 e os 20 anos, illustrei dois livros: um de Ilse Losa e outro de Irene Lisboa.)

Esta fixação nos 154 “exercícios de estilo” durou vários anos. Deu origem a textos muito diversos, tanto no conteúdo como nos próprios estilos — afinal, era esse o objetivo...

Alguns não passam de duas ou três linhas, com pensamentos ou frases. Outros são histórias completas. Outros ainda foram pequenos *sketches*, pensados para serem representados ou filmados. E até peças de teatro. Uns destinavam-se a um público leitor juvenil; outros, a gente crescida. Fiz até uma historieta para “intelectuais ociosos”.

Como não cabiam num só livro — coitados dos leitores, a paciência tem limites —, agrupei-os e distribuí-os por cinco “tomos”, segundo os conteúdos. Cortei textos menos interessantes (ou mais mal escritos...) e juntei, por fim, tudo para fazer a soma... E não é que

o resultado dava, precisamente, 154?! Incrível! Vejam que mistérios tem a mente humana!

Tendo atingido, aparentemente, o meu elevado objetivo, passei a atrever-me noutras áreas, tais como crónicas, pequenos ensaios, memórias... e fiz mais ilustrações. Quase tudo isto fui guardando na gaveta do meu estirador de arquitecto — pois foi graças a essa profissão honrada que ganhei a vida...

Foi preciso chegar aos 80 anos para ir disputar às traças estas recordações amarelecidas e pueris, e pensar em publicá-las. Reconheço que o faço com alguma estultícia (palavra de que gosto bastante, e cujo significado poderão encontrar em qualquer dicionário).

Interessará a alguém ler estes “exercícios”? Não sei. Passou tanto tempo desde que foram escritos que, naturalmente, muitos estão desajustados da realidade atual e, para os mais jovens, talvez nem façam sentido nenhum. Em 60 anos, tanta coisa se transformou! Eu mudei. A família mudou. A sociedade mudou. A profissão mudou. O País mudou. O mundo mudou! Tanta mudança!

Pensei então (esperançoso...): quem sabe?

Os meus textos, com as suas belas intenções juvenis, talvez se tenham transformado em peças de museu, ou de arquivo, onde se vão buscar imagens e informações de uma época desaparecida.

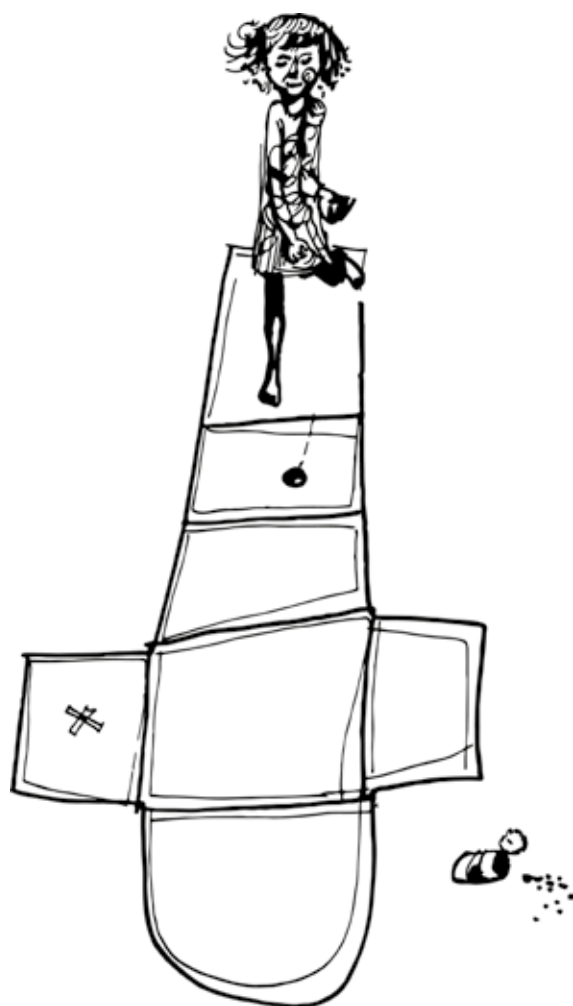
Era então assim Portugal a meio do século XX? Ou, pelo menos, era assim que o via ou sentia um jovem desse tempo? Quase sempre tão tristonho e revoltado?

Será que os jovens de hoje ainda são assim?

Isto será moléstia da idade?

Pois bem: olhando a coisa por este prisma, talvez os escritos façam algum sentido, e consigam a atenção dos benévolos leitores.

Oxalá que sim.



TEMPO

Estou sentado a uma mesa de café, mas não tenho tempo.

Sou aluno duma escola superior. Pretendo conhecer o mundo, as pessoas e as coisas. Mas não tenho tempo.

Sinto que a minha cabeça e o meu corpo me empurram para realizar coisas para as quais nunca terei tempo. Mas que, se fossem feitas, com certeza — ah! Mas com certeza — contribuiriam para modificar o mundo.

Queria conhecer as pessoas, queria agradar a toda a gente — que as minhas palavras servissem de consolo e dissessem, na altura certa, aquilo que fosse fundamental. Mas o que posso eu fazer contra o estômago que me impede de ser agradável? Contra o cansaço físico, que me torna rancoroso? Contra o tempo, que não chega para se conhecer toda a gente profundamente?

— Fulano teve um desastre. O teu amigo sofre por uma qualquer causa triste...

Meus amigos? Mas como é que eles me podem ainda considerar amigo — a mim, que nada faço por eles!

E, no entanto, desejava (podia!), apenas com um abraço de entendimento, com algumas palavras decisivas que eu sinto vivas aqui dentro, deitar por terra as razões tristes todas, atalhar os desastres, reconciliar, animar, amparar...

Se não fosse o maldito tempo que se escoia, que me afasta dos desastres, das tristezas que eu seria capaz — tão facilmente! — de desfazer em nada.

E depois — que pulhice! — se alguma destas tristezas, destes problemas, alguma vez me chega a tocar de perto, é a mesma falta de tempo que me impediu de os conhecer, de os estudar para os dominar, como eu podia (porque sinto que podia...) que me faz ficar atónito, estúpido, e cair para a frente com o peso e a raiva de estar diante de um problema fácil — mas não estudado.

Tempo.

Tenho comigo esta ideia: se as pessoas tivessem tempo, se o tempo fosse bem distribuído, apesar do trabalho, da vida, estou convencido de que nunca deixariam de ser crianças. É o trabalho realizado sem tempo, o estudo sem tempo, a vida — e a morte, sem tempo para ser encarada de frente — que fazem ficar amargo, desiludido, velho.

Aqueles que conseguiram, mesmo com uma vida cheia de privações, dosear o seu tempo de uma maneira compatível com as suas forças espantam as pessoas por serem infantis, bons, ingênuos — gente.

(Ou talvez eu não tenha tido tempo de os conhecer...)

Queria estudar conscienciosamente; queria ser um bom profissional. Mas... e o resto das coisas que têm que ser feitas? Tudo está em perigo de se perder, se nós não agirmos a tempo. E esse tempo vai fazer falta a outras coisas tão urgentes como aquelas.

Gostava tanto que as pessoas reparassem no que eu faço.

Queria que vissem que me interessava por elas a todas as horas, que tudo o que desejo fazer é para elas — para melhorar qualquer coisa que lhes diga respeito, para lhes mostrar que muita coisa está aí para ser feita, que todos lucrarão com isso.

Que um dia todos possam, como a mim por vezes me apetece e

não faço, abraçar alguém que nos parece simpático, cantar na rua, rir em voz alta, mesmo sem razão, fazer favores, ajudar, conversar sem segundo sentido e levantar as crianças do chão até ao mais alto dos braços — sem que elas se assustem e chorem.

Mas as pessoas não reparam nisto, porque não têm, inevitavelmente, tempo. E eu passo por elas com o peso de ter um recado que não lhes dei, e sinto que nunca arranjarei o tempo necessário para lho fazer compreender. Por isso me refugio neste cinismo manso que não é só meu, que despejo em volta por ter cá dentro uma coisa importante, muito importante, que não digo.

Para me fazer notado, possivelmente, e porque não rouba tempo, deixo crescer uma barba pontiaguda. Isso deve assustar mais ainda as pessoas. Na rua, às vezes, viram-se e riem-se. E eu passo e penso: - que pena não ter tempo para lhes explicar que a vontade que neste momento sinto de lhes bater não é culpa deles, mas sim do tempo — do tempo que nem eles nem eu temos para nos conhecermos como as pessoas se devem conhecer.

Acho que a principal função dos governos devia ser a da distribuição do tempo: tempo para trabalhar; tempo para descansar; tempo para comer; tempo para as pessoas gostarem umas das outras; tempo para estudar, para ver, para tudo.

Depois de uma vida com tempo, o tempo de morrer será ainda tão penoso?

Gostava, mais do que tudo, de ser amigo das crianças. Que uma criança viesse ter comigo e se deitasse nos meus braços para dormir todo o tempo que quisesse. Queria poder ensinar-lhes coisas, passar-lhes as mãos pela cabeça, rir e correr com elas.

É o maldito tempo que não me deixa aproximar-me, que faz com que eu seja tímido, que sinta perante elas mais medo do que talvez elas sintam de mim.